

A R E G E N E R A Ç Ã O

AVENÇA

Semanário regionalista e cultural

Director Literário—Dr. João Tendeiro
Composição, Impressão e Redacção na
Tip. Figueirense—Figueiró dos Vinhos

DIRECTOR E EDITOR:

Doutor Manuel Simões Barreiros

Propriedade de João António Semedo

Administração: Tipografia Figueirense

FIGUEIRO DOS VINHOS

A Organização Corporativa

Nem todos os que, neste país, têm responsabilidades na vida nacional—e, indirecta ou indirectamente, em lugares de maior ou menor relevo exterior, todos os portugueses as têm—compreenderam a profundo condicionalismo a que se obedeceram ao instaurar a organização corporativa portuguesa.

O Presidente do Conselho ensinou—ao responder à mensagem dos dirigentes sindicais—quais as condições que impuseram a escolha, entre os vários tipos possíveis de organização, da fórmula que, que a Revolução Nacional encontrou:

a) A organização deveria aliviar o hipertrófico e monstruoso *Estado Moderno*, desembaraçando-o de algumas das suas funções, serviços e despesas e defendendo só por esse facto a liberdade individual e as economias privadas;

b) A organização deveria ser decalcada, com prejuízo, embora da sua pureza teórica e simetria, sobre a vida real do homem na família, na profissão, na sociedade; e, sendo assim, aproveitar o mais possível as formas conhecidas e espontâneas de organização a integrar em plano de conjunto;

c) A organização não deveria dissociar o económico do social, pela razão fundamental de que todos os que de qualquer modo trabalham são solidários na produção e da produção que todos devem viver;

d) A organização deveria não perder de vista as realidades supra-individuais e que, portanto, só é verdadeiramente útil se conseguir satisfazer os legítimos interesses privados e ao mesmo tempo promover o interesse colectivo.

Estas quatro condições deverão estar sempre presentes para que corresponda aos seus altos objectivos a Revolução que Salazar conduz, contra todos os obstáculos e através de todas as dificuldades.

Dr. Simões Barreiros

Já se encontra entre nós o nosso Director dr. Manuel Simões Barreiros, que, acompanhado de sua ex.ma Esposa acaba de fazer uma estadia de bem merecido repouso nas Pedras Salgadas.

Feira de S. Pantaleão

Decorreu com muita animação a afamada Feira de S. Pantaleão, que se realiza anualmente na nossa vila nos dias 26, 27 e 28 de Julho. Apesar das dificuldades causadas pela guerra, as transacções foram normais, não se notando qualquer diferença do ano passado.

Este jornal foi visado pela Comissão de Censura

Pequena crónica à margem da feira

1 Vai começar a feira.

As estradas dos arredores são como que um imenso escaudouro das povoações circunvizinhas e dos lugares incógnitos donde afluem os adventícios das feiras e romarias, vagabundos de todos os tempos, sem princípios nem fim.

Nos olhos, a pesar dos desenganos da realidade adversa, lê-se a esperança ténue de ganhar ou enganar—nos que vêm para vender e nos que esperam para comprar.

2 Na estrada infinita...

A' frente, arrastada a custo por mula escanzelada, uma carroça abre o cortejo trágico. Sobre ela, a mala,—a pobre e descomunal mala de pinho, nova espécie de caixa de surpresas de cujo ventre sairão os panos, as colheres, as rendas, os brinquedos, as pequenas bujigangas de utilidade mais ou menos contestável, a própria lona da barraca.

A mão pousada no travão, segurando maquinalmente a rédea ensebada, uma mulher prenhe—a única com direito a ir sentada. Atrás, o resto da família, os sócios e outros companheiros da desgraça. Mais afastada, a garotada—friso trágico de pequenos maltrapilhos calejados pela vagabundagem de terra em terra e pelas noites sem fim ao relento, lorge de todo o conforto, fruto ruim duma árvore podre, pequenos vagabundos condenados a andar de estrada em estrada e de feira em feira, grilhetas inocentes dos trabalhos forçados da vida. Vão por toda a parte, negaceando o vício, perdidos na noite sem fim da sua inconsciente preversão. No dia de amanhã, já não serão inocentes...

3 Dia de S. Pantaleão.

Um amálgama desordenado de barracas e de gentes, de séres e de coisas, polifórmico de cores e efeitos. Por toda a parte gritos e graçolas, risos e regateios, um brilho alegre nos olhos de todos.

Homens e mulheres vão de barraca em barraca: é necessário reformar a loja e os panos, acudir às necessidades da casa. Os tempos vão maus, e parecem cada vez piorar mais—mas é preciso viver.

A soturnidade natural da raça—pois o afirmar se que *les portugais sont toujours gais* não passa dum anexim motivado pela necessidade de rimar—deu lugar a uma exuberância de falas e de risos, de graças e dichos, de pragas e de incoerências.

Por um dia só, a multidão voltou a ser na aparência uma grande criança: em todos uma pureza inicial, uma confraternização de pensamentos que é um verdadeiro regresso às comunidades primitivas.

Dia de S. Pantaleão: um pouco de alegria e sonho em cada peito.

4 Epílogo

Os postes de armar as barracas, erguidos para o céu, parecem varapaus ressequidos a amargar o desconhecido.

Todos se foram. No largo, os varredores, levantam núvens de poeira,—e, dos detritos de toda a espécie, debaixo das palhas e papeis de todo o lixo proveniente duma multidão que, durante três dias, nele viveu integralmente, surge pouco a pouco a fisionomia de Figueiró dos Vinhos, na sua rotina habitual.

João Tendeiro

Inspeção Judicial

Esteve entre nós, em serviço de inspeção à comarca de Figueiró dos Vinhos, o ex.mº sr. dr. Joaquim António de Azevedo e Castro, illustre Juiz Desembargador e inspector judicial.

Administração Municipal

A Administração Municipal, é um dos sectores da administração pública, mais exigente, mais difícil de o satisfazer.

Outrora, queremos referir nos às Câmaras Municipais antes desta situação política do Estado Novo, os homens encarregados da administração local, perdiam todo o seu tempo na conquista de mais um voto. Deslocar um elemento do seu adversário, era para os dirigentes locais, a sua única preocupação, o seu maior triunfo.

Era vê-los nas proximidades do acto eleitoral a fazer o balanço do eleitorado marcando os certos, os contrários, os indiferentes e os duvidosos, dar ordens num sentido ou noutro de forma a atacar o adversário,—podemos compará-lo à luta que se trava antes duma batalha pelo estado maior do exército.

É conforme a força do adversário, assim a luta era mais ou menos rija.

Recorda-nos a propósito do que se passava num concelho aqui muito próximo.

As forças dos adversários quasi que se equilibravam.

Cada um contando a seu modo ganharia por um pequeno número.

Logo era necessário não deixar perder um único voto. E, tanto mais, que cada um custava bem caro. Votos houve que custaram quinhentos escudos.

Para se ter a certeza de que não havia traição, pois alguns à porta da urna trocavam a lista, metiam o eleitorado num pateo e dali seguia um por um acompanhado até à boca da urna, não fosse ele no caminho trocar a lista, o que além da perda do voto representava também a perda do custo do voto.

Por aqui o leitor pode avaliar o que eram as eleições nos tempos dos partidos, a luta que os políticos tinham que sustentar, perdendo o seu tempo no amanho e conquista do terreno eleitoral.

E quando venciam, o seu contentamento, era o seu maior triunfo: a música vinha para a rua, os mais exaltados dava n vivas, deitavam foguetes e quando passavam pelos adversários falavam alto e bom som:—Hoje há brigo barato.

Isto passava-se ainda relativamente há poucos anos.

Era a política que predominava antes da Revolução de Maio de 1926.

Falei-te, há quinze dias, na dificuldade de definir cientificamente a vida a partir dos dados biológicos (1) que conhecemos. Imagina agora até que grau cresce esta dificuldade se a transpuzemos para o campo humano e social,—vasto emaranhado de lutas e paixões ordenadas e baralham e perdidas, quasi ódas as tentativas de ordenação sistématica.

Nas organizações animais, o que nos chama em primeiro lugar a atenção é a espécie de fatalismo biológico que lhes impulsiona os actos vitais, desde os reflexos rudimentares às formas de associação mais complexas. Na sociedade humana, as teorias e os pontos de vista são de tal modo dispares que em caso algum é possível estabelecer matematicamente princípios rígidos de conduta.

No que não parece haver dúvidas é que o homem nada vale individualmente: a nossa vida, os sentimentos mais íntimos, as sensações agradáveis ou desagradáveis, os mais exclusivos que pareçam, só nos pertencem numa parte mínima, porque a sua génese resulta em primeiro lugar duma série de reflexos a partir das relações com os nossos semelhantes: tudo quanto vimos e ouvimos desde o berço, a educação recebida, o ambiente que nos cerca, os livros lidos, as conversas acerca dos mais variados assuntos, são outros tantos factores que concorreram para moldar a nossa personalidade e de que nunca nos podemos abstrair, sob pena de deshumanização,—de modo que, para a nossa integração como homens na sociedade, é indispensável substituir a fórmula querida dos individualistas—*eu em opposição aos outros homens*—por outra mais compreensiva dos nossos destinos: *eu, partícula pensante e actuante da humanidade*.

Esta concepção não considera de modo algum o homem um escravo impotente do meio. Pelo contrário, integra-o no grande movimento de consciencialização que, em todo o mundo, nas fábricas e nos laboratórios, nos gabinetes e nos institutos de orientações, na paz como na guerra, busca incessantemente a maneira mais lógica e ampla de melhorar o homem a partir da sua vida em sociedade.

João

(1) A biologia é a ciência que estuda os séres vivos.

Quem há por aí, dê-se tempo, que se não lembre?

Mas os tempos, com a nova ordem, mudaram.

Os indivíduos a quem é confiada a administração local, hoje uma unica coisa os preocupa: fazer administração local, fazer obra útil, dar um bocadinho de conforto e bem estar ao nosso povo.

Dar-lhe uma parte do que o nosso povo reivindica há meio século, em vão, e que só agora, graças à política de Salazar, se conseguiu dar-lhe.

Tudo via a transformação porque passou a nossa administração local, tem perturbado muito boa gente.

Sobretudo para aqueles que feitos a verem a política pelo lado unilateral, não se conformam, com a orientação actual:—prejudicar alguns para fazer justiça a todos.

Quem está à frente da administração local, vê-se hora a hora, dia a dia sujeito a debater-se contra aqueles a que nos referimos, isto é, que procuram servir-se sem a mais leve consideração por quem ocupa lugares de responsabilidade.

UM NOVO LICEU

Independentemente da guerra que agita o mundo e da profunda convulsão que o sacode, nós poderemos considerar ditosa a hora que vivemos porque, como o velho Juan Ponce de Leon deante da Flórida recém descoberta, também *mira-mos algo de nuevo*. Abastardados por mais de cem anos de Liberalismo e de Revolução, já descreíamos da possibilidade de Portugal se levantar da profunda abjecção em que caíra. E no entanto não foi preciso que as idades passassem para o «milagre» se tornar possível. Bastou apenas a vontade dum homem servida por uma inteligência sem par e uma honestidade rara.

Os que já vieram depois do dilúvio ignoram muita coisa de que nós «s velhos» fomos testemunhas; o que sabem aprenderam no de ouvido, e até os há que duvidam, tão carregadas lhe parecem as côres com que lhes pintamos o passado.

As gerações de hoje, aquelas que mal balbuciavam quando o grito de guerra de Gomes da Costa correu o País de lés a lés, ignoram tudo o que «foi», deslumbradas ante as maravilhas do que «é». Os estudantes, até mesmo os das Universidades, não sabem o que era o ensino noutros tempos, quando a Escola, sagrada oficina das almas, não passava de alfôbre de desordeiros, criados no ódio a toda a disciplina, ao mestre, ao estudo, a tudo enfim que representasse coação, em nome dos «sagrados» direitos da Liberdade, com L grande, que antepunham a tudo o mais. Dêste modo não admira que da Escola saíssem legiões e legiões de revoltados, que, uma vez instalados na vida, espalhariam à sua volta as más idéas, contribuindo para o descabro do País.

A Revolução Nacional de 28 de Maio não poderia deixar de, na altura própria, olhar pelo problema da instrução, que hoje já se encontra quasi por completo resolvido, e, com elle, alguns dos seus aspectos secundários, como seja, por exemplo, o dos edificios, durante tantos anos velhos casarões e pardiéis condenados pelas mais elementares regras da pedagogia e da hygiene.

Assim como para muitas das repartições públicas, quasi sempre instaladas em edificios impróprios, também se têm vindo construindo admiráveis edificios para Faculdades e para Liceus por todo esse País. O Estado Novo olha, assim, para um dos problemas mais urgentes do nosso tempo, para que a escola seja na verdade a «sagrada oficina das almas».

Mas não tem ficado por aqui a sua notável acção, por que tornou extensivas a todo o Império as mesmas medidas criteriosas que na Metrópole têm sido postas em prática. E assim o sr. Ministro das Colónias, inaugurou recentemente em Luanda um novo Liceu, o de «Salvador Correia», considerado o mais vasto e o mais bello de todos os estabelecimentos de ensino secundário do País. Esta inauguração por um dos membros mais illustres do Governo do Estado Novo reveste-se, assim, de particular significado. A acção civilizadora dos portugueses continua no mesmo ritmo de ouzora, levando ao mais afastado recanto do Império os seus princípios que fizeram de Portugal o país colonizador por excelência e o tornaram exemplo digno de imitação para quantos um dia se abalçaram a seguir a mesma rota que nós.

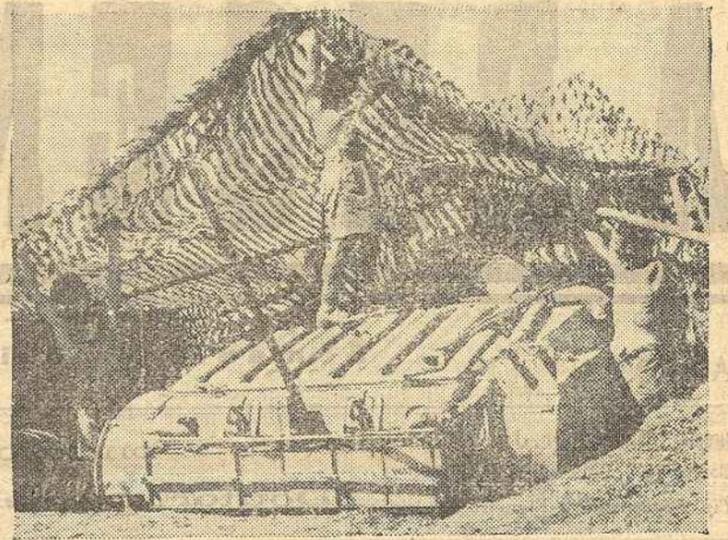
Dominios da vida económica

Uma imagem expressiva do desenvolvimento de toda a economia de guerra deu-a, entre outras, ao Ministro do Reich e ao seu séquito, a «Exposição Económica da Administração Privativa Estoniana» em Reval. Alguns dados poderão provar os resultados felizes daquela administração auxiliada pela Alemanha: — Na recolha de metais a Estónia participou com 653.000 quilos. Para a força armada foram recolhidos, naquele país 305.000 sacos de inverno. Em grandes trabalhos florestais empreendidos, os quais deverão garantir as necessidades de lenha no próximo inverno, foram reunidos em 685.000 dias de trabalho 1.430.000 esterres de lenha.

E' idêntica a situação na Letónia e na Lituânia. Conforme se desprende das declarações feitas pelos elementos dirigentes desses países, toda a população compreendeu que deverá corresponder à tensão de todas as forças da frente com o máximo esforço económico na luta contra a ameaça oriental.

Já no outono do ano passado, com a publicação da lei sobre a reorganização do artesanato, da pequena industria e do comércio de retalho, o Commissariado do Reich tomou medidas basilares para vencer a colectivização bolchevista. Correspondentemente as condições diversas em que se encontra a Ucrânia, e para aqueles territórios fez introduzir ali, entretanto, a nova ordem do artesanato, fomentando assim também nos vastos territórios da Ucrânia o ressurgimento, abrindo caminho à sua integração na economia de guerra. No Commissariado dos Países de Leste, a administração económica própria é representada pela «Câmara Económica de Riga», com as suas delegações. O principio basilar da orientação é, ao contrário da insensata industrialização igualitária bolchevista, o fomento da iniciativa própria e responsável em todos os dominios da vida económica.

Muito mais difícil do que nos países bálticos, só transitivamente bolchevizados, é a situação do 4.º distrito geral do Commissariado do Reich para os países de Leste, a Ruténia Branca, que apresenta todos os sinais dum terror bolchevista de 25 longos anos. Pela criação e reabertura de escolas e de outras para os naturais do país, pela colocação de professores e pelo fornecimento de material de ensino, começou-se aqui a elevar também a vi-



No Deserto da Líbia, e numa cratera aberta por uma bomba inimiga, os ingleses recolhem um tank que estão cuidadosamente camuflando

(Continuação da 4.ª página)

CARTEIRA

Partidas

Para as Pedras Salgadas, o nosso amigo e colaborador sr. Mário Ferreira.

— Para a Figueira da Foz, os srs. drs. João Deniz de Carvalho, Artur Nunes Agria e Joaquim Alves Tomaz Morgado, acompanhados de suas famílias.

Chegadas

Das Pedras Salgadas o sr. Francisco Rodrigues Ferreira.

— Da Monte Real, o sr. José Pedro dos Santos.

a mais leve documentação sobre os fenómenos económicos e sociais particulares da nossa época — grande concentração industrial e financeira, formação e desenvolvimento de grandes monopólios, luta pelos mercados mandiais e pelos jazigos de petróleo, ferro, cobre, bauxite, etc., expansão externa como derivativo de necessidades internas, fortalecimento e consciencialização de grupos com interesses fortemente contrários e conseqüente embate — sem documentação séria sobre estes complexos problemas, cujo conhecimento é fundamental e indispensável à compreensão e transformação da época, fulminam o adversário com opiniões decivas e sem réplica sobre a política internacional...

Na antiguidade, as pirâmides do Egipto, os sistemas de irrigação do Oriente as barragens da India foram construídas sem máquinas, à custa do trabalho violento dos escravos e dos povos vencidos.

Na actualidade, a técnica está

tão desenvolvida que bastariam as máquinas comandadas pelo homem para realizarem trabalhos de irrigação mais importantes que os do Oriente, barragens muito mais grandiosas que as da India, construções muito mais vastas que as pirâmides do Egipto.

Fernando Novais

da económica e cultural destes territórios. A administração autorizou na Estónia, na Letónia e na Lituânia um grande número de jornais diários e revistas na lingua local. Nas regiões que os jornais diários ainda não podem servir completamente, a rádio substituiu-os por meio de noticiário e programas culturais, tanto em lingua alemã como nas linguas dessas regiões. O Ministro Rosenberg repôs já em fun-

cionamento, como 1.ª escolas superiores do Commissariado para o Leste, as Faculdades de Medicina Veterinária e Agronomia desta cidade tendo-se persuadido elle próprio do estado em que se encontram os trabalhos de reconstrução.

Esta Nova Europa está construindo um baluarte, que a defenderá da invasão ameaçadora que parte do Leste, cuja última vaga deve ter sido o bolchevismo—(R).

CURIOSIDADES

Uma Questão Delicada— O dr. W. B. Inghis, professor da Universidade de Glasgow, numa conferência que, em tempo, realizou na Associação Britânica, afirmou que não constitui grave ameaça para a mente dos jovens os filmes cinematográficos de histórias de mistérios e, mesmo, de terror.

Em sua opinião, esses filmes correspondem às fortes necessidades emotivas das crianças, e se lhes fosse vedada a sua frequência nos cinemas, o resultado não seria uma deminuição, mas, ao contrário, um aumento da delinqüência dos amores.

As crianças a quem causam danos os filmes referidos são somente aquelas que já possuem de algum desequilíbrio nervoso ou, mesmo,

mental. Tal é a opinião do psicólogo inglês.

Quando Ramsés reinava— Existe no «British Museum», de Londres, a mais antiga carta que se conhece no mundo. Foi escrita há mais de três mil anos por um sacerdote egipcio e os seus caracteres foram traçados com tinta tão duradoura e inalterável que ainda hoje se conservam legíveis. Este curioso documento, além do seu alto valor arqueológico, constitui um valioso subsídio para a reconstituição da história e divisaõ geográfica do antigo Egipto, pois o autor, que viveu no reinado de Ramsés II, passa em revista alguns factos históricos do seu país e faz uma interessante descrição dos costumes do

povo dos farós e da carta geográfica do Egipto do seu tempo.

O vetustissimo documento está avaliado num número de libras muito superior ao dos anos que tem de existência e é apenas uma entre tantas e tantas preciosidades que se guardam no Museu Britânico.

Coisas do nosso tempo— Ao começar a minha colaboração nesta secção que eu pretenderei manter num constante utilidade de informação para o leitor, lembrou-me da aviação, ou melhor, como se constrói um avião em 4 minutos. Parece inverosímil, mas não é. Segundo um relatório de construções duma agência alemã, pude contactar que não era impossível, nem sequer a qualidade era molestada.

Esta superioridade não se conseguiu sem esforços para a aviação e para a construção de aviões. Ela foi conseguida a par dos rendimentos militares da aviação, por um

trabalho de desenvolvimento intensivo da industria de aviões, que se impôs como base para uma produção em massa, dos seus produtos de alta qualidade, e fabrico de peças soltas que pudessem ser trocadas entre si.

Ao principio já se estava satisfeito se os grupos principais duma série fossem trocáveis entre si. Hoje existe a exigência de que todas as partes desmontáveis dum avião, em parte, devam ser por números trocáveis entre si. Esta exigência baseia-se, sobretudo em aviãos militares, de se poder mudar rapidamente qualquer peça desmontável do avião, que por ter sofrido avarias tenha que ser substituída. Esta mudança tem de se poder fazer nos campos de aviação sem necessidade de outros trabalhos para assim se manter o poder de acção dos aviões.

A par desta exigência da tropa, para o trabalho de trocas, estabeleceu-se já, anteriormente, no fabrico

em série e na conseqüente montagem das peças a necessidade de se terem de peças absolutamente iguais. Enquanto um determinado tipo de avião é fabricado somente por uma firma, é possível a troca destas peças modificando certas instalações e moldes, e por outros meios. Porém, assim que outra ou mais firmas começam a construir, sob licença, um avião, deve a firma da qual proceda essa licença, fornecer moldes originaes exactos. Os moldes forma e ligação, são elaborados pelos moldes originaes e servem para estabelecer as instalações das diversas fábricas que trabalham em ligação entre si. Por este procedimento evita-se, depois, todo o trabalho suplementar. Desta forma poupa-se tempo e isto aporta em benefício do aumento da capacidade de produção.

E agora até a próxima ocasião, (C. R.)

Pagamento de assinaturas

Foram pagas nesta relação as assinaturas do nosso jornal referentes aos nossos amigos:

- Major Neutel de Abreu, Figueiró.
- José Simões, Campêlo Peralcovo.
- José Vaz, Aldeia da Cruz.
- Augusto Coelho Agria, Chinguar-Angola.
- Adroalo Simões, Bairro.
- José Antunes, Cabaços.
- Joaquim Henriques Rosa, Lisboa.

EXPEDIENTE

Como a cobrança que fazemos aos nossos estimados assinantes, pelo correio, é de grandes despesas, nós pedimos a especial fineza de não nos deixarem devolver os recibos respectivos, porque isso representa para nós triplicado encargo, que vem ainda agravar a situação precária em que se encontra a pequena imprensa. Esperamos, pois, não receber recibos devolvidos na cobrança que estamos fazendo, o que muito agradecemos.

A Redacção

Falecimento

No passado dia 26 de Julho faleceu nesta vila a ex.^{ma} sr.^a D. Otilia da Graça de Mesquita, extremosa mãe dos nossos amigos srs. Manuel Gonçalves de Mesquita e Higino Gonçalves de Mesquita, importantes comerciantes nesta praça, do sr. Júlio Gonçalves de Mesquita, comerciante em Tomar e das ex.^{mas} sr.^{as} D. Rosa Gonçalves de Mesquita Coelho, D. Maria Gonçalves de Mesquita, D. Elisa Gonçalves de Mesquita e D. Adelina Gonçalves de Mesquita Mergado. A família enlutada, as nossas sentidas condolências.

COMPRA-SE

Uma bomba manual para tirar água. Quem pretender dirija-se a esta Redacção. 3-1

Moradia

Com quintal e várias dependências, tendo água própria e muitas árvores de fruto e outras, vende-se no centro de Cabaços. Informa: José Antunes, Cabaços.

Estabelecimento de materiais de construção

DE

Santos, Lopes & Prista, L.^{da}

Praça José Malhóa ● Figueiró dos Vinhos

Agentes da «Cerâmica Prista, L.^{da}» e do cimento «Tejon», Lijas sanitárias, Azulejos, Mozaicos, Grés, Gê-*sc*, Ferragens, Vidraça, Tintas, etc.

Encarrega-se da instalação de casas de banho e de quaisquer trabalhos de construção

Joaquim J. Fernandes

Medico Municipal

Clinica geral Doenças das crianças Figueiró dos Vinhos

J. Rodrigues de Oliveira

Doenças de Pulmões — Partos Clinica Geral

— Consultório e residência: —

Figueiró dos Vinhos

João Leal da Silva Tendeiro

Médico Veterinário Municipal

Clinica Geral

Operações e Vacinações

Figueiró dos Vinhos

Em Pedrógão Grande — às segundas-feiras das 9 às 14 horas

Em Castanheira de Pêra — às quintas-feiras das 9 às 15 horas

A. Teixeira Forte

ADVOGADO

Figueiró dos Vinhos

Alvaro Amorim Pinto

Advogado

Castanheira de Pêra

Em PEDRÓGÃO GRANDE: todas as segundas-feiras

CONSULTORIO DENTARIO

A. MARTINS NUNES

DOENÇAS DA BOCA E DENTES :- DENTES ARTIFICIAIS

Consultas aos Sábados das 16 horas em diante e aos Domingos até ao meio dia

Praça JOSÉ MALHOA Figueiró dos Vinhos

Reabriu o seu consultório no primeiro domingo de Outubro

Consultório em Coimbra na Rua Ferreira Borges, n.º 8

Anibal Silveira Herdade

Figueiró dos Vinhos

R. Dr. Martinho Simões

Agente e depositário dos produtos

Lusalite Cimentos - Cal Hidráulica

Representante das lampadas Tungfram

24-3

Comissões e Consignações

Armazém de Ferro, Aço e Carvão

Alfonses António da Conceição

Pombal :- Telefone n.º 7

Completo sortido de ferragem, ferramentas, tintas e louças

Materiais de construção

Artigos sanitários—Tubos de ferro grés e de fibro-cimento

Agente-depositário de: Cimento LIZ—Produtos LUZALITE—CERAMICA DE LA VEIRO Cal hidráulica MACIEIRA 24-21

- Os melhores preços -

Banco Espírito Santo

e Comercial de Lisboa

SEDE — LISBOA

Filiais—Braga, Coimbra, Covilhã, Faro e Porto.

Agências—Abrantes, Estoril, Gouveia, Mangualde, S. João da Madeira, Santarém, Torres Novas, Torres Vedras, Tortozendo e

Figueiró dos Vinhos

Todas as operações bancárias

Serviço permanente

EM

Automóvel de aluguer

Telefone 6

Alfredo David Campos

Café Central

Figueiró dos Vinhos

Galeria de Lisboa

Exposição permanente de quadros a óleo de bons autores, aguarelas, gravuras antigas a côr e a preto, desenhos, litografias, estampas, mobílias, porcelanas, faianças e objectos de arte antiga e moderna

Aberta das 14 às 19 horas

Largo de Arroios, 273, 1.º

Telefone 46873

(Antigo Palácio do Conde da Guarda)

LISBOA

CARREIRA DIARIA DE PASSAGEIROS

BOLO-LISBOA

Castanheira de Pêra, Figueiró dos Vinhos, Pontão, Cabaços, Tomar, Entroncamento, Torres Novas, Santarém e Lisboa

Concessionário: **Manuel Simões Barreiros & Irmão, L.^{da}**

Sede—FIGUEIRO DOS VINHOS—Telefone 5

	Cheg.	Part.		Cheg.	Part.
BOLO	—	6,00	LISBOA	—	9,00
Castanheira de Pera	6,10	6,15	Sacavem	9,25	9,25
Figueiró dos Vinhos	6,55	7,05	Vila Franca de Xira	10,05	10,10
Pontão	7,40	7,45	Carregado	10,25	10,25
Cabaços	8,10	8,15	Azambuja	10,45	10,45
Tomar	9,05	9,20	Cartaxo	11,10	11,15
Entroncamento	10,00	10,05	Santarém	11,45	12,05
Torres Novas	10,20	10,25	Pernes	12,45	12,45
Pernes	11,00	11,00	Torres Novas	13,20	13,25
Santarém	11,40	12,00	Entroncamento	13,40	13,40
Cartaxo	12,30	12,35	Tomar	14,20	14,30
Azambuja	13,00	13,00	Cabaços	15,20	15,25
Carregado	13,20	13,20	Pontão	15,50	15,55
Vila Franca de Xira	13,35	13,40	Figueiró dos Vinhos	16,30	16,40
Sacavem	14,20	14,20	Castanheira de Pera	17,20	17,25
LISBOA	14,45	—	BOLO	17,35	—

Efectua-se diariamente

Efectua-se diariamente

Carreira entre Bolo e Coentral

	Cheg.	Part.		Cheg.	Part.
Coentral	—	5,40	Bolo	—	17,50
Bolo	5,55	—	Coentral	18,50	—

Efectua-se às sextas-feiras

Efectua-se às quintas-feiras

Garage em Lisboa: **AUTO-LYZ—R. da Palma—Tel. 21363**

“A Regeneração,”

ASSINATURAS

Portugal e Ilhas Adjacentes:

Cada série de 24 numeros. 9\$50

“ ” ” 48 “ ” 19\$00

Este preço é acrescido do porto do correio

COLONIAS:

Cada série de 24 numeros. 16\$00

“ ” ” 48 “ ” 32\$00

ESTRANGEIRO:

Cada série de 24 numeros. 24\$00

“ ” ” 48 “ ” 48\$00

Pagamento adiantado

COMPRA-SE

Uma mula, égua ou jumenta, que seja nova e mansa. Dirigir-se a Manuel Francisco Carvalheira, Castanheira de Pêra.

Vende-se

uma propriedade sita nos Brigueiros, limite do lugar da Castanheira de Figueiró, pertencente a Bernardino Grácio Correia. Quem pretender dirija-se a Maria S. Jo.é.

Vendem-se

2 máquinas de costura, uma Singer e outra Titan estado novas, bobine central. Dirigir a Justino Mendes Medeiros, Figueiró dos Vinhos.

GÉLO

VENDE-SE qualquer quantidade na Misericórdia de Castanheira de Pêra

Boletim Bibliográfico

Como triunfar no comércio, de **Randolph Churchill** e traduzidos por **Manuel L. Rodrigues**. Edição da Livraria Escolar Progressor, Rua Passos Manuel 158 a 162, Pó to—1942.

Mais um livro de J. Fontana da Silveira apareceu à venda, sobre assuntos comerciais.

Como triunfar no comércio se chama ele. Com **O Correspondente Comercial e o Guarda-Livros Prático**, também do mesmo autor, forma uma triade muito valiosa para quem se entrega à vida comercial.

O comerciante para bem dirigir o seu negócio, carece absolutamente de saber dirigir a sua correspondência. Encontrará em **O Correspondente Comercial** uma tão completa variedade de modelos, ordenados de uma maneira tão simples, que fácil se lhe tornará achar o que pretenda para o seu caso de momento, além de uma porção de conselhos bastante proveitosos.

Precisará igualmente de ter a sua escrita montada e em dia. Em **O Guarda-Livros Prático**, verá a forma de o conseguir com facilidade, porque está feito com tal clareza, que mesmo um inexperiente se poderá encarregar dela.

Por último, e é talvez para ele o mais importante, no caso de ter quem lhe faça a escrita e lhe dirija a correspondência, deverá possuir certos conhecimentos técnicos, visto que sem eles não conseguirá fazer prosperar a sua casa de negócio. Tê-los-á em **Como Triunfar no Comércio**, expostos numa linguagem a todos acessível.

Quem fizer a sua leitura agradável por sinal, apesar do assunto parecer não dever prestar-se a isso, tirará proveito imediato, pois esses "conselhos úteis a patrões e empregados" são de tal forma valiosos e fáceis de assimilar, que os resultados dessa leitura não poderão conduzi-lo a outro resultado.

Se nas duas obras anteriores, J. Fontana da Silveira se mostrou sobretudo técnico muito sabedor, nesta terceira, aliou a essa competência, uma observação e uma psicologia dignas de referência especial.

Não exageramos. O observador e o psicólogo, evidenciam-se folha a folha. Relatam, aconselham e advertem.

Quem quiser iniciar-se na vida comercial, pode afoitamente entrar nela, desde que adquira o seu melhor guia: **Como Triunfar no Comércio**. Se o lê e relê vez-s a miúdo, e essa leitura, como já dissemos, faz-se com agrado e interesse, terá nela o seu melhor orientador.

Parabens a J. Fontana da Silveira, pelo esplêndido livro agora aparecido, e parabens aos que com ele virão a beneficiar, que serão todos quantos o adquiram.

O acolhimento que o público fez a **O Correspondente Comercial** e a **Guarda-Livros Prático** foi tão bom, que veio a tornar necessário fazer 2.ª edição. Que o mesmo vá suceder ao **Como Triunfar no Comércio**, é o que profetiza quem publicamente, e confessa grande e sincero admirador das privilegiadas facultades de trabalho e de inteligência de J. Fontana da Silveira.

Antônio Campeão de Freitas

Os discursos de Churchill, vol. III. Na chefia do Governo, —compilados por seu filho capitão

Randolph Churchill e traduzidos por **Manuel L. Rodrigues**. Edição da Parceria A. M. Pereira, Rua Augusta 44 a 54, Lisboa—1942

Os primeiros discursos proferidos por Churchill no poder são como que uma boa agüentando o colapso da opinião pública, e mantêm-se sempre, na sequência lógica das palavras que pronunciou no dia 13 de Maio de 1940, três dias depois de convidado para o elevado cargo de Primeiro Ministro:

«Só tenho para oferecer sangue, lágrimas e sofrimentos.

Temos perante nós uma dura provação. Temos perante nós muitos e longos anos de sofrimento. Perguntam-se qual é a nossa política? Dir-lhes-ei: É fazer a guerra no mar, na terra e no ar, com todo o nosso poder e com todas as forças que Deus possa dar-nos; fazer guerra a uma monstruosa tirania, que não tem precedente no sombrio e lamentável catálogo dos crimes humanos. É essa a nossa política. Perguntam-nos qual é o nosso objectivo? Posso responder com uma só palavra: Vitória — vitória, a todo o custo, vitória a despeito de todo o terror, vitória por mais longo e difícil que possa ser o caminho que a ela nos conduz; porque sem a vitória não sobreviveremos.»

O volume agora publicado reúne os discursos proferidos durante um dos lances mais dramáticos na história do império britânico—o período que vai de Maio a Novembro de 1940. Os primeiros tempos de Churchill no poder são francamente adversos à Inglaterra: o rei Leopoldo da Bélgica rende-se; as forças franco-britânicas, desprotegidas pela rendição do exército belga, «esse exército (que) combateu heroicamente, sofrendo e infligindo muitas perdas», retiram a custo de Dinquerque, depois duma admirável retirada; a França fez uma paz em separado, mas, «chaja o que houver com a França ou com o Governo francês», ou ainda com outros Governos franceses, nesta ilha (a Inglaterra) e no Império britânico nunca se perderá o sentimento de camaradagem para com o povo francês. Porém, se bem que as tropas inglesas tenham de retirar em muitas frentes — em quasi todas as frentes menos no mar —, a Inglaterra de Winston Churchill não fraqueja moralmente.

É este o grande valor dos discursos de Churchill: o (f)ito moral. E, como tal são dignos de ser lidos por amigos e inimigos — uma grande lição de firmeza e carácter em que todos apoveitarão.

João Tendeiro

Livros recebidos

No próximo número publicar-nos-emos aos livros:

Pão e Amor, de Kurt Hamson e **A Batalha do Atlântico**, do comandante Sarmento Rodrigues, edição da Parceria A. M. Pereira, de Lisboa.

Imprensa

Revista da Imprensa Portuguesa n.º 1, Edição Recorte, Rua da Madalena, 44 2.º Lisboa—1 de Junho de 1942.

Temos presente o primeiro fascículo desta revista, que constitui uma síntese completa da vida oficial social do país. Este número, relativo à primeira quinzena de Maio, con-

Casamento

No dia 18 do mês transacto, realizou-se no Santuário da Cova da Iria, em Fátima, sendo celebrante o Reverendo Arcipreste António Iguez, desta vila, o casamento da ex.ª sr.ª D. Maria Helena de Freitas Rodrigues, gentilíssima filha da ex.ª sr.ª D. Irene de Freitas Rodrigues e do nosso amigo sr. tenente Carlos Rodrigues, ilustre vice-presidente da Câmara Municipal de Figueiró dos Vinhos, com o distinto professor do Liceu de Coimbra sr. dr. José Augusto Ferrer Antunes.

Paranifaram o acto, por parte da noiva, o sr. Julio de Freitas, Secretário de Finanças aposentado e sua esposa sr.ª D. Ermelinda de Araujo Lacerda e Freitas, e por parte do noivo, o sr. Capitão José Antunes, de Coimbra, e a sr.ª D. Maria Josefa de Araujo Lacerda Valadão.

Entre os assistentes vimos, além dos pais e padrinhos dos noivos, as seguintes pessoas: Major José Candido da Conceição Baião e sua ex.ª esposa, Capitão Julio Ferrer Antunes, Tenente João Ambrosiano de Aguiar Valadão Mário Moutinho, tesoureiro da Caixa Geral de Depósitos no Porto e sua ex.ª esposa, ex.ª D. Joana de Paula Freitas, notária em Pico de Regalado, D. Maria Paula de Ceuta, Licenciada em Farmácia, Políbio Fernandes das Neves e sua ex.ª esposa, etc.

Em seguida foi servido um esplêndido copo de água que decorreu com alegria e brilhantismo, depois do qual os noivos partiram para a sua viagem de núpcias.

Aos noivos desejamos sinceros votos de grande felicidade.

tém 4.117 referências e transcrições das principais artigos publicados na Imprensa Portuguesa, constituindo portanto um sumário completo, útil a todas as profissões, em especial às liberais, e a quantes se interessam pelas diversas actividades nacionais.

Destacamos as referências feitas aos seguintes artigos do nosso n.º 558: **Humanidade e Justiça. Figueiró dos Vinhos, Ecos Agrícolas, A felicidade produto do melo, Primeira carta para a aldeia**, etc.

Vida Mundial, documentário semanal da Imprensa, n.º 167 e 168, Lisboa, Julho de 1942.

Principais artigos do n.º 168: **A segunda frente contra a Europa, Cinco perguntas a propósito da situação da Rússia, A guerra e o seu destino, A política da Argentina, Como são treinados os paraquedistas ingleses, Os Tigres voadores, na China, A América Latina em face do conflito mundial.**

Vida Mundial—vende-se em Figueiró dos Vinhos na Barbearia de Victor do CARLO Correia ou no seu agente Juvenal da Conceição Simões.

O Cezimbrense — Acabou de entrar no 17.º ano de publicação este nosso camarada, que se publica em Cezimbra sob a direcção do ex.º sr. Abel Gomes Pólvora.

Por esse motivo, daqui lhe remetemos as nossas congratulações, fazendo votos por uma continuada duradora acompanhada de ódas as prosperidades.

Boletim da União de Grêmios dos Lojistas de Lisboa, n.º 17, de 1942.

Entre outros artigos de interesse incluía-se neste número um útil curso prático de publicidade.

Casa de penhòres

Rua estreita — não sei quem lá passou. Porta aberta — não sei quem lá entrou. Não sei — não sei dizer, e não me importa, nem a rua, cansada de ser rua, nem a porta, cansada de ser porta.

Mas foi aqui, na rua triste e nua, e junto à porta aberta, fria e larga, que me surgiu aquela frase amarga e nunca mais me deixou:

— Schubert empenhou o violino e o mundo não estoirou!

Mas não falemos de Schubert... Falemos da velha tonta...

— A velha tonta que perdeu a neta e anda, de porta em porta, a imitá-la...

Diz assim, aflautando a sua jala:

«O' velha, conta... ó velha, conta aquela história triste do Poeta...»

A velha tonta que perdeu a neta todos os dias ajoelha em frente da lamparina...

(O Cristo empenhou-o a velha para salvar a neta pequenina...)

E a velha tonta reza à lamparina:

— «Meu Deus, perdoa-me a audácia de ter teu Filho empenhado...

— Foi por causa da conta da farmácia... Perdão, meu Deus, perdão!»

— E o Cristo, resignado, em três meses de juro crucificado espera o dia do leilão.

Sidónio Muralha

PERSPECTIVA

Há pessoas a quem o desconhecimento quasi total dum assunto em nada os impede de terem uma opinião formada sobre ele e de, com toda a suficiencia, formularem em tom agressivo essa opinião que nada fundamenta.

Discutem tudo, sabem tudo: literatura, arte, estratégia militar, politica, sociologia—tudo.

Sem a mais pequena leitura além dos jornais diários, discorrem com pesporrência sobre correntes literárias que por completo desconhecem, recitando p-a-pa os desacertos lidos na chamada secção de «crítica» dos grandes diários ou ouvidos servilmente da boca dum desses intelectuais que para si há, e que repartem o seu tempo entre o pontificado

à mesa do café, numa roda de ociosos, e uns escritos nocivos em revistas de pseudo-cultura.

Sem o minimo conhecimento de estratégia militar, permitem se esses cavalheiros juízes definitivos e fulminantes sobre a maneira como o Estado Maior dum exército conduz uma campanha. Sem pensarem — eles são lá capazes de pensar! — que a estratégia, mais que tudo o resto, varia com as condições locais e particulares, aplicam resultados verificados em condições completamente distintas e tiram conclusões terminantes e sem apêlo.

Sem os mais elementares rudimentos de ciência económica, sem

(Continua na 2.ª pagina)



Soldado alemão em observação nas primeiras linhas da frente oriental